

Cultural

N.º 1 - DEZ. / 91



5

EDITORIAL

6

SOBRE OS ÍDOLOS DE CALCÁRIO – "PINHAS" – DO CALCOLÍTICO DA ESTREMADURA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE DOIS EXEMPLARES DA LAPA DO BUGIO (SESIMBRA)

João Luís Cardoso

15

MAIS UM QUIRATE ATRIBUÍVEL A AHMAD IBN QASI, ENCONTRADO EM SESIMBRA

Miguel Telles Antunes

18

AMIZADE E BOA VIZINHANÇA DO CONCELHO DE SESIMBRA COM OS DE PALMELA E ALMADA NO SÉCULO XIV

Jorge Afonso Silva Paulo

21

UMA OBRA-PRIMA DO PINTOR BARROCO LOURENÇO DA CUNHA: A PINTURA EM PERSPECTIVA ILUSIONÍSTICA DO TECTO DA IGREJA DO CABO ESPICHEL (1740)

Vitor Serrão



23

A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL NO CONCELHO DE SESIMBRA

Divisão de Estudos e Documentação do Instituto de José de Figueiredo

30

A VILA DE SESIMBRA NA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

Bernardo de Sá Nogueira

33

OS PRIMEIROS JORNAIS DE SESIMBRA

António Reis Marques

39

O AQUÁRIO VASCO DA GAMA COMO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL

Paula Leandro

41

POESIA POPULAR

"ERA UMA VEZ"

Álvaro Bizarro

"COMO EU GOSTO"

Maria Irene Mendes

FICHA TÉCNICA

Título:
Sesimbra Cultural
Ano 2, N.º 1, Dezembro de 1991.
Edição e Propriedade:
Câmara Municipal de Sesimbra
Redacção e Administração:
Largo Luís de Camões
2970 SESIMBRA
Tel. 223 30 17 (ext. 283)
Telex: 18.720 ZAMBRA P
Telefax: 223 28 62

Direcção:
Esequiel Lino
Coordenação:
Robertina Pinela e Luísa Carvalho
Conselho de Redacção:
Odete Graça, Robertina Pinela,
Luísa Carvalho e João Pinhal
Grafismo:
Fernando Carvalho

Colaboraram neste número:
António Reis Marques,
Álvaro Bizarro,
Bernardo de Sá Nogueira,
Instituto de José de Figueiredo,
Irene Mendes, João Cardoso,
Jorge Paulo,
Miguel Telles Antunes,
Odete Graça,
Paula Leandro
e Vitor Serrão

Impressão e Fotocomposição:
Corlito / Setúbal
Depósito Legal: 25393/89
I.S.S.N.: 0871-9160
Tiragem: 1000 exemplares
Periodicidade: Anual
P.V. P.: 300\$00

SOBRE OS ÍDOLOS DE CALCÁRIO - "PINHAS" - DO CALCOLÍTICO DA ESTREMADURA - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE DOIS EXEMPLARES DA LAPA DO BUGIO (SESIMBRA)

João Luís Cardoso*

1 - INTRODUÇÃO, CONDIÇÕES DA JAZIDA

Foi Rafael Monteiro, de Sesimbra, o autor da descoberta da Lapa do Bugio, ou "Estação Isabel", nome por que é designada no primeiro trabalho científico a ele dedicada, apresentado no I Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Lisboa em Dezembro de 1958 (MONTEIRO & SERRÃO, 1959).

Do ponto de vista geológico, trata-se de cavidade natural existente poucos metros abaixo do topo da encosta, nas calcários do Jurássico que constituem o flanco meridional da Arrábida.

Apresenta as seguintes coordenadas hectométricas GAUSS: X = 109,4; Y = 163, 3.

As explorações, logo iniciadas a 20 de Outubro de 1957 consistiram na escavação de dois rectângulos contíguos, designados por A e B, o primeiro com 2,0 x 1,5 m e que foi explorado até 0,30 m (apenas num local se sondou até 0,55 m), o segundo com 1,55 x 1,0 m, escavado até 0,80 m de profundidade.

Em ambas as zonas se identificaram três tumulações (duas na Zona A e a restante na Zona B), definidas por pequenas lages cujas dimensões não ultrapassavam 0,50 x 0,40 m, dispostas horizontalmente. O espólio funerário encontrava-se sob e em redor das lages e a "relativamente pequena profundidade junto às paredes da gruta e no meio..." (MONTEIRO & SERRÃO, 1959, pág. 410). Um dos artefactos que será objecto deste estudo, apareceu no decurso desta primeira campanha de escavações (Fig. 1).

A posição na planta apresentada (Fig. 2 do trabalho referido) indica que provém da Zona B (coordenadas E - 15), tendo sido recolhido junto à parede da gruta.

Esta zona foi a que ofereceu a totalidade dos artefactos de calcário — para além deste, mais três cilindros — facto que sugeriu aos autores judiciosa afirmação: "...torna-se evidente que, nos locais onde há agrupamentos de ídolos de calcário, escasseiam — poderíamos dizer faltam — as placas de ardósia e vice-versa"

(op. cit., pág. 414). Pela sua posição, é a sepultura 3 que mais próximo se encontra do referido local.

A fase final da campanha de 1957, que se prolongou pelo mês de Outubro, já não foi acompanhada por E. Cunha Serrão, por motivos que o mesmo considera "lastimáveis" (SERRÃO, 1967), mas que não explica.

O mesmo autor, no citado artigo, declara que os resultados dos trabalhos realizados no ano seguinte seriam oportunamente por si publicados nas páginas do Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra o que, contudo, nunca aconteceu. Os trabalhos de 1958 não tiveram prosseguimento "porque pela segunda vez a equipa se desagregou" (SERRÃO 1967).

Foi no decurso da segunda campanha de escavações que o segundo artefacto objecto deste estudo terá sido recolhido (Fig. 2). Tal como o anterior, conserva-se no Museu Municipal de Arqueologia de Sesimbra. Porém, ao contrário deste, desconhece-se as condições do seu achado. V. LEISNER (1965) reporta-o, erradamente, à Lapa do Fumo (também no Concelho de Sesimbra), como se observa na Est. 153, n.º 2, no que é contrariada pelo próprio escavador da jazida (SERRÃO 1975). Porém, o erro persistiu, M. J. ALMAGRO-CORREIA (1973, fig. 18) reafirma-o.

2 - DESCRIÇÃO

2.1 - Exemplar recolhido na 1.ª campanha -1957 (Fig. 1).

Exemplar de calcário, incompleto na base do pedúnculo, de secção circular. O corpo da peça, que se desenvolve acima deste, é esferóide, decorado por sulcos oblíquos entrecruzados, com origem no ápex somital, os quais atingem a base deste volume, sem se prolongarem pelo pedúnculo.

Dimensões:

Comprimento máximo - 108 mm

Largura máxima - 68 mm

Altura do corpo - 67 mm

Diâmetro do pedúnculo na base da parte conservada - 33 mm

Altura do pedúnculo na parte conservada - 41 mm

2.2 - Exemplar recolhido na 2.ª campanha -1957 ou na 3.ª campanha - 1958 (Fig. 2).

Exemplar de calcário, incompleto na base do pedúnculo, de secção aproximadamente circular. O pedúnculo, muito mais desenvolvido do que no exemplar anterior, suporta o corpo superior da peça, decorado por linhas entrecruzadas incisas, formando reticulado. Este corpo, de formato tronco-cónico, alarga-se na parte superior, onde lhe sucede volume aproximadamente cónico, sem decoração, cujo vértice se encontra ocupado por coroa circular, dentada na espessura correspondente, em relevo.

Dimensões:

Comprimento máximo - 137 mm

Largura máxima (= diâmetro basal do corpo tronco-cónico) - 45 mm

Altura do corpo tronco cónico - 40 mm

Altura do corpo cónico - 15 mm

Altura da coroa circular somital - 3 mm

Diâmetro do pedúnculo na base da parte conservada - 27 mm

Altura do pedúnculo (parte conservada) - 75 mm

3 - COMPARAÇÕES

Inventariaram-se os seguintes artefactos comparáveis aos dois agora estudados:

3.1 - Povoados

3.1.1. - Vila Nova de São Pedro (Azambuja)

Sob a designação de "Piña o flor de primeira", PAÇO & JALHAY (1945)

figuram dois fragmentos de objectos, lisos, que entram dentro desta categoria (Fig. 4, n.º 7 e 8). Representam-se na fig. 3, n.º 1 e 2.

Ulteriormente, um dos autores (PAÇO, 1954) refere "um alfinete de osso com a cabeça trabalhada em forma de pinha no género das calcáreas de Alapraia ou S. Martinho de Sintra" (Fig. 7, n.º 10). Trata-se de facto de exemplar que pode entrar na categoria dos agora estudados, embora não tenha a mesma finalidade destes (Fig. 3, n.º 3). Todas estas peças se conservam (?) no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

3.2 - Necrópoles

3.2.1 - Tholos de Pai Mogo (Lourinhã)

Um exemplar liso, designado por "pinha", foi recolhido neste monumento sepulcral. Apresenta pedúnculo bem desenvolvido e volume superior de formato globular (GALLAY et al., 1973). Conserva-se no Museu Municipal de Torres Vedras (Fig. 4, n.º 19).

3.2.2 - Tholos de Barro (Torres Vedras)

PAÇO & JALHAY (1945) referem a existência de um exemplar desta categoria, no que são confirmados por FERREIRA (1966, p. 48), que reporta a esta necrópole "un idole en forme de pomme de pin (non ornée)". Este objecto foi figurado por LEISNER (1965, Est. 1, n.º 3). Conserva-se no Museu Nacional de Arqueologia (Fig. 4, n.º 2).

3.2.3 - Tholos do Cabeço da Arruda (Torres Vedras)

LEISNER (1965, Tf. 7, n.º 6) representa um "ídolo-pinha" liso, muito irregular. Do monumento n.º 1 desta necrópole, provém objecto análogo mas não figurado, referido no estudo original (FERREIRA & TRINDADE, 1956). De acordo com aqueles autores, trata-se de peças de arenito, que designam por "ídoles piriformes" (p. 515), diferentes, pelo seu sumário acabamento, das peças de outras estações. São idênticas ao exemplar recolhido em Pai Mogo, embora este seja de calcário. Conservam-se no Museu Municipal de Torres Vedras (Fig. 4, n.º 3).

3.2.4 - Tholos da Serra dos Mutelas (Torres Vedras)

PAÇO & JALHAY (1945) mencionam, também, nesta sepultura colectiva um objecto da mesma categoria do anterior. Porém, da leitura do estudo do explorador do monumento, não transparece qualquer referência à sua ocorrência (CORREIA, 1912). FERREIRA (1966, p. 52) menciona "un idole en forme de pomme de pin", que corresponderá ao figurado por LEISNER (1965, Est. 11, n.º 11). Trata-se de objecto liso, com pedúnculo fusiforme de secção circular. Conserva-se no Museu Nacional de Arqueologia (Fig. 4, n.º 4).

3.2.5 - Gruta Natural da Cova da Moura (Torres Vedras)

PAÇO & JALHAY (1945) referem, nesta necrópole, objecto que é descrito ulteriormente por BELO et al. (1961, p. 411), nos seguintes termos: "Pinha ou flor de palmeira". Este ídolo é do tipo do de S. Martinho de Sintra, do de Vila Nova de S. Pedro, do de Carenque, etc. Está partido na base e não é ornamentado. Comp. - 80 mm; larg. total - 60 mm; diâmetro na base - 30 mm"; encontra-se representada na est. IV n.º 67 do referido trabalho.

Trata-se de exemplar aparentemente liso, fracturado na base que, como é habitual, se apresenta pedunculada. Conserva-se no Museu Municipal de Torres Vedras (Fig. 4, n.º 5).

3.2.6 - Tholoi de S. Martinho de Sintra (Sintra)

Este necrópole, da qual restam vestígios de dois *tholoi*, contíguos foi, como diz FERREIRA (1966, p. 57), explorada por amadores; APOLINÁRIO (1896) efectuou algumas recolhas, entre elas um objecto integrável no conjunto em estudo, por ele descrito do seguinte modo (p. 220): "Offerece o contorno geral de uma pinha, tendo a superfície sulcada de traços, que se cruzam em losangos mais ou menos irregulares. O torneado d'esta peça e o alizamento da sua superfície, notavelmente regulares, dão-lhe um aspecto de singular acabamento". Na Fig. 5, n.º 1 reproduz-se a gravura por ele apresentada. Conserva-se no Museu Nacional de Arqueologia.

LEISNER (1965, Tf. 30, n.º 7) reproduz o mesmo objecto e figura, ainda, mais dois; um, é liso e possui, como aspectos peculiares, uma parte superior acentuadamente fusiforme e um pedúnculo muito desenvolvido. Foi representado por LEISNER (1965, Tf. 31, n.º 37) e reproduzido na Fig. 5, n.º 2. Conserva-se no Museu Nacional de Arqueologia.

O segundo mostra uma parte superior mais arredondada e decorada tal como o recolhido por M. Apolinário, por sulcos oblíquos do vértice somital até ao pedúnculo, o qual se apresenta, tal como o anterior, muito desenvolvido. Foi figurado por LEISNER (1965, Tf. 31, n.º 37) e reproduzido na Fig. 5, n.º 3. Conserva-se no Museu Teixeira Lopes (Vila Nova de Gaia).

3.2.7 - Necrópole da Serra dos Baútas (Sintra)

M. HELENO (1933) no estudo dedicado às grutas artificiais de Carenque, menciona a "necrópole da Serra dos Baútas" (p. 23), situada nas proximidades, que efectivamente explorou mas nunca publicou. Dali, FERREIRA (1966, p. 65) refere também um ídolo "en forme de pomme de pin en calcaire", cuja presença, porém, não é confirmada no conjunto dos materiais actualmente conservados no MNA (informação de

Júlio Roque Carreira, a quem agradecemos).

3.2.8 - Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Sintra)

Necrópole constituída por três grutas escavadas nos calcários brandos mesozóicos (hipogeus). HELENO (1933, P. 16) refere um objecto do mesmo grupo dos anteriores nos seguintes termos: "Afim talvez destes objectos (cilindros de calcário) é um, de calcário, com a forma de chifre (Est. IX, fig. 19) e um outro, com a aparência de fruto, ornado por uma espiral cortada por linhas que passam pelo vértice (Fig. 20)". Como o autor indica e a referida figura mostra, a decoração nele patente, embora idêntica à dos anteriores, difere na maneira como foi obtida, pois naqueles, eram linhas de igual comprimento que se cortavam obliquamente, neste trata-se de uma espiral sobreposta a um conjunto de linhas meridianas, ou vice-versa. Outra particularidade desta peça consiste em apresentar remate do pedúnculo, sugerindo ter sido destinado à melhor fixação da peça na mão, à maneira de empunhadura. Conserva-se no Museu Nacional de Arqueologia (fig. 6, n.º 1).

3.2.9 - Grutas artificiais de Alapraia (Cascais)

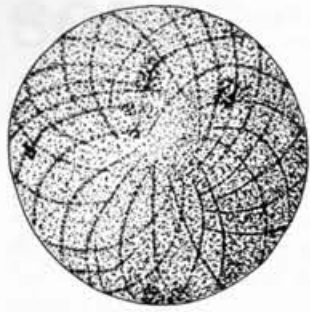
Necrópole constituída por quatro grutas escavadas nos calcários brandos cenozóicos, idênticas às de Carenque. Na Gruta IV recolheu-se um exemplar decorado com incisões oblíquas entre si, com origem na extremidade somital, prolongando-se até à base. O autor da exploração designa-a por "pinha ou flor de palmeira" (PAÇO, 1955, p. 60); conserva-se no Museu dos Condes de Castro Guimarães (Cascais) e representa-se na Fig. 6, n.º 2).

3.2.10 - Anta de Belas (Sintra)

Sob esta designação, representa V. LEISNER (1965, Tf. 58, n.º 12), um exemplar decorado com sulcos dispostos obliquamente, do topo, arredondado, à base, de tendência fusiforme (Fig. 6, n.º 3). Tal referência poderá corresponder a um dos vários monumentos megalíticos explorados por Carlos Ribeiro, (Ribeiro 1880) - A anta do Monte Abraão, a Pedra dos Mouros ou a de Estria, embora todos estes monumentos se encontrem discriminados na estampa onde este exemplar se representa. CORREIA (1921), funcionário ao tempo do Museu Nacional de Arqueologia, onde este exemplar se conserva, reporta-o ao primeiro daqueles monumentos. Porém C. RIBEIRO (op. cit.) não o representa.

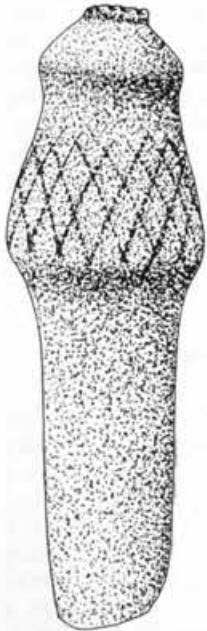
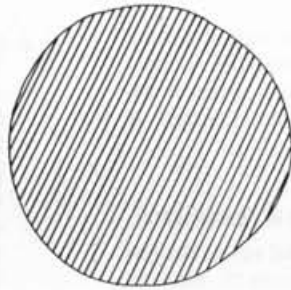
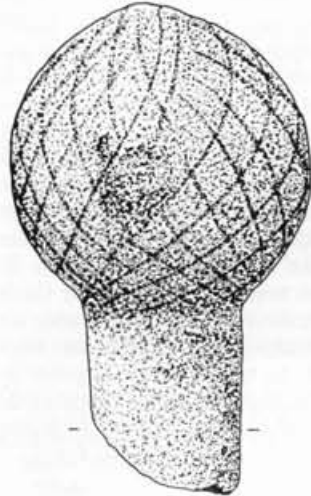
4 - TIPOLOGIA

Como sistematização do inventário realizado no capítulo anterior, podem considerar-se os



0 3 cm

Fig. 1



0 3 cm

0 3 cm

Fig. 2



N.º 1



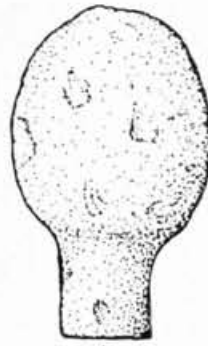
N.º 2



N.º 3

0 3 cm

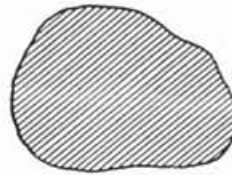
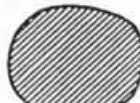
Fig. 3



N.º 1



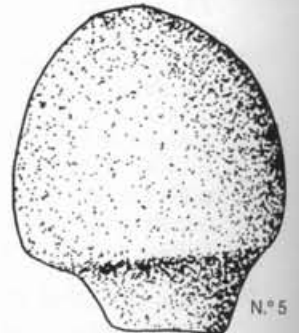
N.º 2



N.º 3

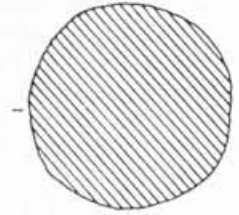


N.º 4



N.º 5

Fig. 4



seguintes tipos, de acordo com a forma e as características decorativas, caso existam (de salientar que são todos, sem excepção, de rochas calcárias):

1. Lisos

1.1. De corpo globular, geralmente irregular

- 1 - Tholos da Serra das Mutelas - 1 ex. (Fig. 4, n.º 4)
- 2 - Necrópole do Cabeço da Arruda - 2 ex. (Fig. 4, n.º 3)
- 3 - Tholos do Pai Mogo 1 - 1 ex. (Fig. 4, n.º 1)
- 4 - Tholos de Barro - 1 ex. (Fig. 4, n.º 2)

1.2. De corpo em ogiva

- 1 - Gruta natural da Cova da Moura - 1 ex. (Fig. 4, n.º 5)
- 2 - Tholoi de S. Martinho de Sintra - 1 ex. (Fig. 5, n.º 2)
- 3 - Povoado de Vila Nova de S. Pedro - 2 ex. (Fig. 3, n.º 1 e 2)

2. Decorados

2.1. De linhas obliquas em retícula

- 1 - Tholoi de S. Martinho de Sintra - 2 ex. (Fig. 5, n.º 1 e 3)
- 2 - Gruta IV de Alapraia - 1 ex. (Fig. 6, n.º 2)
- 3 - Anta de Belas - 1 ex. (Fig. 6, n.º 3)
- 4 - Gruta natural da Lapa do Bugio - 1 ex. (Fig. 1)

2.2. Por linha em espiral cruzada por linhas obliquas

- 1 - Grutas artificiais do Tojal Vila Chã - 1 ex. (Fig. 6, n.º 1)

2.3. de forma compósita

- 1 - Gruta natural da Lapa do Bugio - 1 ex. (Fig. 2)

Foram, assim, compulsados 16 exemplares, cuja distribuição pode resumir-se aos seguintes aspectos fundamentais:

— trata-se de artefactos que, do ponto de vista geográfico, são exclusivos da Estremadura portuguesa; desconhece-se a existência de algum outro exemplar;

— do ponto de vista da natureza das jazidas apenas dois provêm de um "habitat" - trata-se do povoado da Vila Nova da São Pedro. Os outros, foram recolhidos em sepulcros de diferente natureza:

- Tholoi - 9
- Grutas artificiais - 2
- Grutas naturais - 2
- Monumentos megalíticos - 1

Considerando a tipologia das peças, verifica-se que os exemplares do grupo 1.1 - lisos, de corpo globular e geralmente irregular - são exclusivos dos Tholoi (cinco ex.) enquanto os do grupo 1.2 - lisos, de corpo em ogiva - também representados por 4 ex. - apresentam distribuição mais heterogénea sendo, porém, deste tipo os dois únicos exemplares recolhidos em contexto

habitacional (no povoado de Vila Nova de São Pedro).

Os sete exemplares decorados apresentam também distribuição variada por todos os tipos de sepulcros estremenhos: Tholoi, grutas naturais e artificiais e monumentos artificiais megalíticos. Sobressai um dos exemplares da Lapa do Bugio (Fig. 2), que constitui exemplar único.

5 - DISCUSSÃO

M.J. ALMAGRO GORBEA (1973) considera estes ídolos como a variante E dos ídolos bético - a dos béticos com cabeça de "alcachofra".

Para a autora estes exemplares estão estreitamente relacionados com os béticos, em geral, e com alguns exemplares lisos procedentes de sepulcros do território português. A documentar tal asserção, refere a existência de dois exemplares, um das grutas de Palmela e outro do Tholos da Praia das Maças (Sintra), que constituiriam os exemplares mais próximos, visto possuírem "em su parte superior una prominencia circular ovulada, pequena alli, pero que más desarrollada daría seguramente lugar a nuestro tipo de bético "alcachofra" (p. 94).

Porém, observada a respectiva representação (Fig. 12, n.º 1 e 4), verifica-se que não se pode manter tal opinião: os ídolos em causa correspondem inquestionavelmente a duas formas fáticas; o da gruta de Palmela, assim tem sido classificado (LEISNER et al. 1961, Pl. II, n.º 15); o da Praia das Maças, descreveu-se tão somente como pequeno cilindro de secção oval, terminado em ponta circundada por canelura (LEISNER et al. 1969, p. 40, Pl. V, n.º 88); na hesitação dos autores quanto ao verdadeiro significado desta peça, poderá residir as diferentes orientações que adoptaram no desenho - com a ponta para baixo - e na fotogravura, com a ponta correctamente orientada para cima.

Não existindo quaisquer analogias com os comuns cilindros de calcário, do ponto de vista formal, os ídolos que se estudam no presente trabalho deverão ser considerados como grupo autónomo, não se incluindo como variante de nenhum outro, muito menos dos "ídolos béticos" como considera M. J. ALMAGRO GORBEA (1973).

Sendo claro o seu carácter funerário, ficava por esclarecer, porém, o significado intrínseco da representação.

Os ídolos cilíndricos, aos quais estas peças se encontram geralmente associadas nos sepulcros, representam a divindade feminina, relacionada com a Vida, sempre renascida com a Fecundidade. É lícito, pois procurar nestas peças idêntica significação.

Embora nunca tenham sido objecto de um estudo monográfico, os autores anteriores descrevem ou relacionam a sua forma de diferente maneira. A sistematização de tais interpretações bastaria, do nosso ponto de vista, para justificar este estudo. Vejamo-las, pois, por ordem cronológica:

1986 - "contorno geral de uma pinha" (APOLINARIO, 1896, p. 220)

1933 - "aparência de fruto" (HELENO, 1933, p. 16)

1955 - "pinha" ou flor de palmeira (PAÇO, 1955, p. 60, 61)

1956 - "ídolos piriformes" (FERREIRA & TRINDADE 1955, p. 506,515)

1961 - "pinha" ou flor de palmeira (BELO, et al 1961, p. 411)

1966 - idole en forme de pomme de pin (FERREIRA, 1966, p. 48, 65)

1973 - béticos con cabeza de "alcachofra" (ALMAGRO-GORBEA, 1973, p. 94)

1973 - pinha (GALLAY et al. 1973, p. 63)

1975 - "representação do capítulo de uma composta (a alcachofra)" (SERRÃO, 1975, p. 212)

Deste modo verifica-se que a primeira designação datada de 1986 se deveu exclusivamente à analogia entre forma destas peças e das pinhas, tendo tal designação continuidade até ao presente.

Em 1933, M. HELENO opta pela designação vaga de "aparência de fruto".

A designação de flor de palmeira, usada por A. do Paço, poderá remontar à relação feita por L. Siret deste "tipo de objectos com o rito da fecundação da palmeira, que teria existido entre os Assírios" (SIRET, 1913, p. 281-282, in PAÇO, 1955).

A designação, mais recentemente proposta de alcachofra resulta, tal como a de pinha, apenas da semelhança, como a própria autora declara (ALMAGRO-GORBEA, 1973, p. 94).

A legitimidade de aplicação deste termo ficou aparentemente reforçada, pela semelhança entre um dos ídolos da Lapa do Bugio - o único do respectivo tipo e o capítulo da alcachofra, no início de desabrochar (SERRÃO, 1975, Fig. 11).

Mas a simples semelhança de formas chegará para legitimar a atribuição de tais peças à representação da pinha, alcachofra ou, até da flor de palmeira? E por outro lado não haveria alternativa?

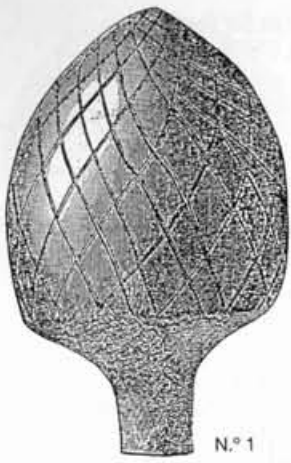
Foi o que tentámos averiguar.

A designação de flor de palmeira baseia-se, apenas, na referência a rito existente entre os Assírios, associado à fecundação daquela árvore, assinalado por Siret e referido por A. PAÇO (1955). Parece ser argumento pobre e, portanto, não o discutimos mais.

A designação de pinha foi originada, como vimos, na analogia existente entre ambas as formas. Porém, existem razões ideológicas que fundamentam aquela interpretação.

Do Dictionnaire des Symboles (CHEVALIER & CHEERBRANT (1974) extraíram-se as seguintes observações (p. 22-24) :

No Extremo-Oriente, o pinheiro é considerado um símbolo da imortalidade, dada a persistência da folhagem e incorruptibilidade da resina. É simbolismo idêntico que explica a preferência pela madeira de pinheiros e de ciprestes, no Japão, na construção de templos e de instrumentos musicais. Por outro lado, de referir que "os imortais taoístas se alimentam



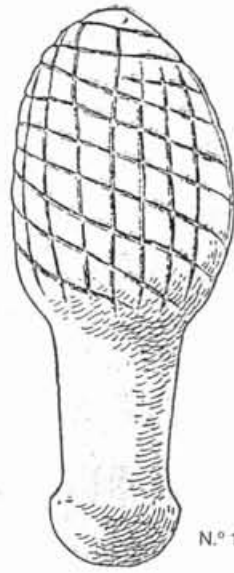
N°1



Fig. 5



N°2



N°1

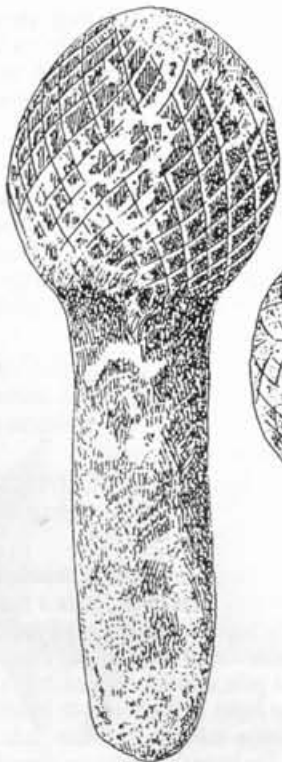


Fig. 6

N°2



N°3



N°3

de pinhões, das folhas e da resina dos pinheiros, dispensando-os de quaisquer outros alimentos, tornando-os leves e capazes de voar...".

O pinheiro é também visto como um símbolo de força inquebrantável, porque é resistente aos assaltos dos ventos e das tempestades.

A pinha, entre os Gregos simbolizou a imortalidade da vida vegetativa e animal. Dionísio, ressuscitado após ter sido devorado por Titãs, ostenta a pinha como um cetro. O mesmo se verifica com Baco, que lhe sucede na Mitologia Romana, empunhando o thirsus, insígnia em forma de pinha. Esta era munida de uma haste, pela qual era segurada, tal como aconteceria com os exemplares calcólicos da Estremadura portuguesa. Servia o thirsus, quando colocado nas mãos do morto, para lhe assegurar a sobrevivência na outra vida (Daremberg & Saglio, in PAÇO, 1955). Uma dama palmirense (arte greco-romana tardia, característica da cidade de Palmyra) mostra-se empunhando dois objectos deste tipo na mão esquerda (Coleção do Museu Nacional de Arqueologia, in FERREIRA 1973/74, Fig. 19). Esta peça representa-se na Fig. 6 do presente trabalho, referindo-se a Fig. 7 ao pormenor do thirsus.

A reforçar o que atrás se referiu, V. CORREIA (1921) representa vários exemplares muito idênticos aos calcólicos portugueses os quais seriam colocados sobre os **tumuli** da necrópole de Valterra, conservados no Museu de Florença. (Fig. 9).

Também no Museu de Marselha pudemos observar a funerária com representação muito idêntica à dos objectos que nos interessa estudar.

Como refere CHEVALIER & CHEERBRANT (1974), no culto a Cybele, em Roma, um pinheiro era abatido e transportado ao templo, no Palatino, envolvido como um cadáver, com grinaldas de violetas, representando Attis (o esposo de Cybele) morto. O ressurgimento para a vida era acompanhado por explosões de alegria da multidão delirante.

O pinheiro simbolizava, pois, o corpo do deus morto e ressuscitado, imagem viva, nos cultos de Cybele, da alternância das estações e do retorno à Vida.

A relação com a alcachofra baseia-se, exclusivamente, na semelhança de formas; segundo E. C. S. SERRÃO (1975), tal interpretação viu-se reforçada pela semelhança formal entre o segundo ídolo recolhido na Lapa do Bugio e o capítulo da Alcachofra, na altura de desabrochar (op. cit., Fig. 11).

Porém, do ponto de vista ideológico o cardo ou alcachofra não possui a mesma carga ideológica da pinha, embora tenha desempenhado papel importante na economia dos povos (coalho do leite, e fabrico de queijo). A sua projecção não terá ultrapassado o plano prático.

A aludida aplicação por SERRÃO (1975) da alcachofra ou cardo a capitéis góticos ou a parâmetros religiosos poderá ser vista, apenas, como aproveitamento de motivo vegetal com elevado poder decorativo. Da mesma forma, a sua aplicação na heráldica medieval também invocada por aquele autor pode ser vista apenas

como consequência da coincidência do seu nome com apelidos familiares - por exemplo, Cardosos - tal como se verificou com outros grupos - a utilização da Vieira, **Pecten** sp, no braço de armas da Família do mesmo nome, ou a da representação do Lobo no daquela Família.

Em conclusão, julga-se que é à interpretação de tais objectos, ou ídolos, como a representação da "pinha", que se deverá atribuir maior credibilidade, pois tal interpretação reúne, a um tempo, a identidade da forma e o simbolismo adequado a objectos que, tendo carácter funerário, deveriam representar, também a sobrevivência, na outra vida, dos defuntos que acompanhariam na sepultura. À base morfológica e ideológica, soma-se o critério da prioridade, para conferir a esta expressão acrescida legitimidade sobre todas as outras. Por isso a adaptámos, no título do presente trabalho.

Outra interpretação possível...

Na procura de outras interpretações possíveis para tais ídolos, avulta a do bolbo da flor de lótus, desde logo pela forma.

CHEVALIER & CHEERBRANT (1974) fazem corresponder ao lótus o símbolo da pureza, do Indo ao Extremo-Oriente; aqui associam-lhe a ideia da reunião do presente ao passado e ao futuro, visto encontrarem-se, simultaneamente, na mesma planta, os três estádios de desenvolvimento: botão, flor desabrochada e semente.

Na iconografia egípcia, onde o lótus é muito frequente, representa o nascimento e o renascimento: "No Egipto, é o lótus azul que se considera o mais sagrado: "il offrait une senteur de vie divine: sur les parois des hypogées thébains, on fleur violacée, une geste où se mêlent la délectation et la magie de la renaissance" (Posener, in CHEVALIER & CHEERBRANT, 1974).

Também na arte móvel, a flor ou o bolbo do lótus foi exaustivamente reproduzido. Na fig. 10 a 12 apresentam-se vários exemplos (catálogo da Exposição "Meister-Werke Altgyptischer Keramik", Höhr-Grenzhauser, 1978):

- em um vaso da 18.^a Dinastia (cerca de 1380 anos a. c.), representando hoje bolbos e flores de lótus (Fig. 10);
- em um pequeno "applique" em faiança vidrada do Império Novo, representando um bolbo de lótus; apresenta nítida semelhança com a cabeça de alfinete de Vila Nova de São Pedro, embora mais recente do que aquela (Fig. 11);
- em um prato de período copta (séculos VI-VII d. C.), mostrando bolbos e flores de lótus muito idênticos aos ídolos calcólicos portugueses (Fig. 12);

Na escultura egípcia, há exemplos interessantes como o da dama segurando na mão direita objecto muito análogo a uma das pinhas "de S. Martinho" de Sintra (Fig. 13).

O simbolismo associado ao bolbo ou à flor de lótus, ultrapassou as fronteiras do Egipto, foi tema divulgado por todo o Mediterrâneo pelo comércio fenício. Depois, vêmo-lo representado em moedas cipriotas gregas (Fig. 14).

Mais tarde, a representação deste vegetal torna-se, uma vez mais, comum sob o domínio Árabe.

Em Portugal conhecem-se exemplos de representação do bolbo e/ou da flor de lótus nos períodos sucessivos da ocupação árabe de Silves; califal, taifa e almóade.

Tal como anteriormente, as representações em peças cerâmicas simbolizariam a eternidade da vida, embora o crescente esquematismo verificado nos tempos almóades, mais recentes, sugira o esbatimento da simbologia a eles associada (GOMES, 1988, p. 171).

Vêmo-lo também em pratos árabes do Cerro da Vila, onde constituem "o tema mais comum da decoração" (MATOS, 1991:, p. 81). O seu significado, relacionado com a pureza e com o renascimento, é também claro para o autor citado (Fig. 15).

A representação do bolbo e da flor de lótus atinge a Europa renascentista, mercê dos renovados contactos com o Oriente, onde a sua tradição e simbologia nunca se terá perdido. A associação destes dois motivos à cena do Calvário - da morte mas também da Ressurreição de Cristo - é disso exemplo flagrante, em concha indo portuguesa do século XVII (Fig. 16).

Em resumo, podemos admitir que o bolbo da flor de lótus poderá constituir, em alternativa à representação da pinha, uma explicação para as representações dos ídolos calcólicos portugueses, embora estes últimos devam ser sempre considerados, neste quadro, como réplica longínqua de protótipos orientais nos quais se teriam inspirado, mesmo que indirectamente, situação também válida para a hipótese da pinha.

Com efeito, à analogia das formas, verifica-se a identidade dos conteúdos ideológicos associados a este motivo, tal como já tínhamos visto no caso da interpretação anterior.

6 - CONCLUSÕES

Neste trabalho estudaram-se duas peças (ou ídolos) calcólicos recolhidos na Lapa do Bugio, gruta sepulcral natural da encosta meridional da Arrábida.

- 1 - Trata-se de duas peças de carácter funerário, tradicionalmente designados por ídolos "pinha", "alcachofra" ou "flor de palmeira", como atesta a inventariação de dezasseis exemplares - agora realizada pela primeira vez - dos quais apenas dois provêm de contexto habitacional (Vila Nova de São Pedro, Azambuja).
- 2 - A respectiva distribuição geográfica, mostra que são exclusivos da Estremadura portuguesa.
- 3 - A inventariação realizada - que se crê ter sido exaustiva - permitiu o estabelecimento de uma tipologia. Relacionando as diferentes formas individualizadas com os diversos tipos de sepulcros, verifica-se que os exemplares lisos de corpo globular mais ou menos irregular são característicos dos **Tholoi**, sepulcros que reúnem a maioria dos exemplares (8 em 16).
- 4 - Os restantes ex. distribuem-se quase uniformemente por outros tipos de sepulcros calcólicos conhecidos na Estremadura - grutas artificiais (2); grutas naturais (2) e monu-



Fig. 7



Fig. 10



Fig. 8



Fig. 11



Fig. 13

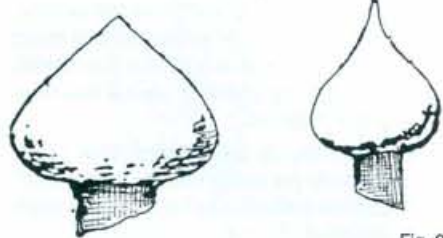


Fig. 9



Fig. 12



Fig. 14

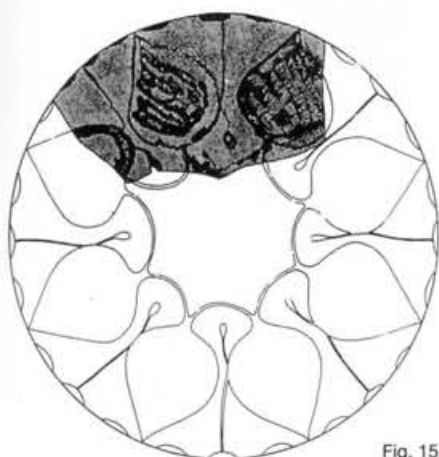


Fig. 15



Fig. 16

mentos megalíticos (1), os quais apresentam maior variedade de tipos.

- 5 - Das três hipóteses avançadas anteriormente como representação destas peças, as comparações efectuadas dão maior credibilidade à que lhes faz corresponder a representação de pinhas; outra hipótese, porém, é apresentada, no quadro da pesquisa realizada para este trabalho: a da apresentação do bolbo da flor de lótus, relacionado com a pureza e, tal como a pinha, com a renovação da vida. (ideologia bem adequada ao acompanhamento dos mortos).
- 6 - De qualquer forma, quer se trate da representação da pinha ou do bolbo de lótus, a presença destes ídolos no Oriente Peninsular, no decurso do Calcolítico, deverá ser entendido como influência ideológica mesmo que indirecta, de cultos de raiz oriental.

* Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL.
Colaborador permanente do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

Agradecimentos

Agradece-se ao Arqt.º Mário Varela Gomes a cedência de bibliografia útil à elaboração deste trabalho, bem como à Divisão Sócio-Cultural da Câmara Municipal de Sesimbra pelas diversas facilidades necessárias à sua concretização.

LEGENDAS

Fig. 1 - Lapa do Bugio. "Ídolo-pinha" recolhido na 1.ª Campanha de escavações (1957).

Fig. 2 - Lapa do Bugio. "Ídolo-pinha" recolhido na 2.ª Campanha de escavações (1958).

Fig. 3 - "Ídolos-pinha" de diversas jazidas calcolíticas da Estremadura:

n.º 1 e 2 - exemplares lisos do povoado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja).
Seg. PAÇO & JALHAY, 1945,
Fig. 4, n.º 7 e 8.

n.º 3 - Fragmento de alfinete de osso do povoado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja).
Seg. PAÇO, 1955,
Fig. 31, n.º 3.

Fig. 4 - "Ídolos-pinha" de diversas jazidas calcolíticas da Estremadura:

n.º 1 - exemplar liso do Tholos do Pai Mogo (Lourinhã).
Seg. GALLAY et al., 1973,
Fig. 80, n.º 471.

n.º 2 - exemplar liso do Tholos do Barro (Torres Vedras).
Seg. LEISNER, 1965,
Tl. 1, n.º 4.

n.º 3 - exemplar liso do Tholos do Cabeço da Arruda - movimento n.º 2 (Torres Vedras).
Seg. LEISNER, 1965,
Tl. 7, n.º 6.

n.º 4 - exemplar liso do Tholos da Serra das Mutelas (Torres Vedras).
Seg. LEISNER, 1965,
Tl. 11, n.º 11.

n.º 5 - exemplar liso da gruta natural da Cova da Moura (Torres Vedras).
Seg. BELO et al. 1961,
Est. 4, n.º 67.

Fig. 5 - "Ídolos-pinha" de diversas jazidas calcolíticas da Estremadura:

n.º 1 - exemplar decorado da necrópole de São Martinho (Sintra).
Seg. APOLINÁRIO, 1896,
Fig. 10.

n.º 2 - exemplar liso da necrópole de São Martinho (Sintra).
Seg. LEISNER, 1965,
Tl. 31, n.º 18.

n.º 3 - exemplar decorado da necrópole de São Martinho (Sintra).
Seg. LEISNER, 1965,
Tl. 31, n.º 37.

Fig. 6 - "Ídolos-pinha" de diversas jazidas calcolíticas da Estremadura:

n.º 1 - exemplar decorado da necrópole de Careque (Sintra).
Seg. HELENO, 1933,
Fig. 20.

n.º 2 - exemplar decorado da Gruta IV de Alapraia (Cascais).
Seg. PAÇO, 1955,
Tl. 31, n.º 2.

n.º 3 - exemplar decorado da "Anta de Belas" (Monte Abrão?).
Seg. LEISNER, 1965,
Tl. 58, n.º 12.

Fig. 7 - Dama palmirense, coleção do Museu Nacional de Arqueologia.
Seg. FERREIRA, 1973/74,
Est. V.

Fig. 8 - Pormenor da figura anterior. A dama sustenta, na mão esquerda, duas "pinhas", ou thirsus.

Fig. 9 - Exemplar de thirsus colocado sobre o *namui* da necrópole de Valterra - Itália.
Seg. CORREIA, 1921,
Fig. 80.

Fig. 10 - Vaso egípcio da 18.ª Dinastia (Ca. 1380 anos a.C.) com a representação, no bojo, de bolbos e flores de lótus.
Seg. ARNOLD et al. 1978, n.º 229.

Fig. 11 - "Applique" (?) egípcio, de faiança vidrada representando bolbo de lótus, muito idêntico a exemplares de "ídolos-pinha" calcolíticos portugueses.
Seg. ARNOLD et al., 1978,
Tl. 8.

Fig. 12 - Prato egípcio do período copta (séculos VI-VII d.C.) mostrando bolbos e flores de lótus.
Seg. ARNOLD et al., 197
Tl. 15.

Fig. 13 - Dama egípcia segurando na mão direita objecto idêntico a um exemplar de "ídolo-pinha" da necrópole de S. Martinho, representado na Fig. 4, n.º 7.
Museu Calouste Gulbenkian

Fig. 14 - Stater cipriota (480-470 a.C.) representando, no reverso, uma flor de lótus entre duas espirais.
Seg. SEAR, 1979, n.º 5470.

Fig. 15 - Prato de faiança árabe do Cerro da Vila (Loulé), representando bolbos de lótus.
Seg. MATOS, 1990,
Fig. 3.

Fig. 16 - Concha com decoração indo-portuguesa representando cena do Calvário, suportada por ramaria de bolbos, folhas e flores de lótus. Séc. XVII.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO-GORBEA, M.J. - Los idolos del Bronce I Hispano - **Biblioteca Praehistorica Hispana**, 12, p. 354.
- APOLINÁRIO, M. (1896) - Necrópole neolítica do Valle de S. Martinho. - **O Archeólogo Português**, 2, p. 210-221.
- ARNOLD, D. et al (1978) - Meisterwerke altägyptischer Keramik. Catálogo da exposição de Höler-Grenzhausen. Rastal-Haus, 264 p.
- BELO, R; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. Veiga (1961) - Gruta da Casa da Moura (Torres Vedras) - **Comunic. Serv. Geol. Port.**, 45, p. 391-418.
- CHEVALIER, J. & CHEERBRANT, A. (1974) - Dictionaire des symboles, Lotus, 3, p. 141-143; Pin, 4: 22-24. - **Seghers**, Paris.
- CORREIA, V. (1912) - Exploração arqueológica da Serra das Mutelas. - **O Archeólogo Português**, 19, p. 264-270.
- FERREIRA, O. Veiga (1966) - La Culture du Vase Campaniforme au Portugal. - **Mem. Serv. Geol. Port.**, 12 (N.S.), 122 p.
- FERREIRA, O. Veiga (1973/74) - Notícia de algumas estações pré e proto históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos (2.ª parte). - **Bol. Cultural da Junta Distrital de Lisboa**, 2.ª Série, p. 69-80.
- FERREIRA, O. Veiga & TRINDADE, L. (1956) - La necrópole de "Cabeço da Arruda" (Torres Vedras). - **Crónica del IV Congreso Internacional de Ciências Prehistoricas y protohistoricas** (Madrid, 1954), p. 503-516.
- GALLAY, G. SPINDLER, K.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. Veiga (1973) - O monumento pré-histórico do Pai Mogo (Lourinhã). - **Associação dos Arqueólogos Portugueses**, 170 p.
- GOMES, R. V. (1988) - Cerâmicas muçulmanas do castelo de Silves. - **Xelb**, 1, p. 15-294.
- HELENO, M. (1933) - Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque) - **Comunicação feita ao Congresso Luso-Espanhol de 1933**. 25 p. (Separata)
- LEISNER, V. (1965) - Die Megalithgräber du Iberischen Halbinsel. Der Westen. - **Deutsches Archäologisches Institut, - Madrider Forschungen**. Band 1 Tafeln 1 - 196.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. VEIGA (1961) - Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme. - **Mem. Serv. Geol. Port.** 8 (N.S.) 60 p.
- LEISNER, V. ZBYSZEWSKI, G. V. (1969) - Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos. - **Mem. Serv. Geol. Port.**, 16 (N.S.), 100 p.
- MATOS, J.L. (1991) - Influências orientais na cerâmica muçulmana do sul de Portugal. - **Estudos Orientais**, 2: 75-83.
- MONTEIRO, R. & SERRÃO, E. C. (1959) - Estação Isabel (necrópole pré-histórica da Azóia). - **Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia** (1958), 1: 407-427.
- PAÇO, A. (1954) - Castro de Vila Nova de São Pedro. VI - Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950 (n.º 7 a n.º 14). - **Arqueologia e História**, 8.ª Série, 3: 31-80.
- PAÇO, A. (1954) - Necrópole de Alapraia. - **Anais da Academia Portuguesa da História**, 8.ª Série, 3: 31-80.
- PAÇO, A. & JALHAY, E. (1954) - El Castro de Vila Nova de San Pedro. - **Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria**, 20, republicado em **Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço**, 2: 183-265. - **Associação dos Arqueólogos Portugueses**.
- RIBEIRO, C. (1980) - Notícia de algumas estações e monumentos prehistóricos.
2 - Monumentos megalíticos das visinhanças de Bellas. - **Real Academia das Ciências de Lisboa**, 86 p.
- SERRÃO, E.C. (1967) - As Grutas de Sesimbra. - **Bol. do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra**, 1: 106-102.
- SERRÃO, E.C. (1975) - Contribuições arqueológicas do sudoeste da Península de Setúbal. - **Setúbal Arqueológica**, 1: 199-225.
- SEAR, D. (1979) - Greeh coins and their values. 2, Asia & Africa. - **Seaby**, 762 p. Londres.